



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da C. G. T.  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. telegr. *Talhoaba — Lisboa* • Telefone: 17  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

# OS NOSSOS PRISIONEIRO

Para se medir bem o grande amor de finanças que o operário deve à República, basta lembrar-se a circunstância de nem ao momento ter havido ainda, em 1910 para cá, sem que as prisões encheram camaradas nossos, os que a polícia arrebanha, por lhes ter achado culpas, ou por ter neles visto uns disidentes, uns pouco afectos à oligarquia social da época.

A Constituição da República conguia a liberdade de crenças. Pode um, segundo a lei, pensar o que entender, em consequência das observações próprias, da análise feita a uma sociedade de ganhos de casaca e gatinhos de cinto de vadios de brilhantes e vadios de farrapos, toda esta tropa pendurada nos braços duma altidão laboriosa, proba, modesta, resignada, que sua e tressua passa toda a sorte de misérias, para que a sua custa prepondera a lei. Pois apesar das garantias constitucionais, apesar das liberdades consignadas na lei, quem não ousa dizer em público a desaprovacão aos vigentes regimes económicos ou políticos — preso. Quem for surpreendido a ler um qualquer livro ou jornal não seja a cartilha política do regime verde-rufo ou o programa partidário em voga — é imediatamente preso. Quem se permitir cantar a *Internacional* vai parar logo à esquadra próxima, lá assim não tenha a popular revolução revolucionária de Pegyter de derruir o avelhado do fisco social. Quem, numa palavra, não associar a voz à dos outros que, sob o pretexto de dar a segurança da República, não sugando até ao tutano minipre, quem se não mostrar evanescidamente resignado a suportar a exploração burguesa, em um dia tentar conceber fórmulas sociais mais perfeitas que as de monarquia e república, aí, quem só com isto terá cometido o delito grave, o acto inominável que o levará à prisão, nela o prolongará meses sem

## perseguições governamentais

A U. S. O., vac promover a série de sessões de protesto

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão para apreciar o pedido, entre o qual a correspondência dos camaradas rurais de Vale de Ligeiro, presos na cadeia de Odemira, e bastante bem elucidar esta comissão. Foi transmitida ao advogado do Conselho Jurídico, dr. Sobral de Camaralva.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa, na sua última reunião, resolveu que os sindicatos promovam sessões de protesto contra as perseguições aos militantes operários e contra o facto de não se enviarem os julgamentos dos jovens sindicalistas presos.

## QUE FRATERNIDADE!

### Nos arraiais socialistas

De novo se afirma que reina a maior discórdância no P. S. P.

O conhecido jornalista sr. Nobre Martins publicava ontem, na edição noturna do *Seculo*, um artigo que era como que o complemento da entrevista que aquele diário antecedeu a esta, com os srs. Manuel José da Silva e Ladislau Batalha, deputados socialistas, artigo que, ao mesmo tempo, reflete as impressões que aquele jornalista trouxe do Congresso Socialista da Figueira da Foz. Sonos, pois, forçados a transcrever os trechos mais interessantes do referido artigo, para completa elucidacão dos nossos leitores, uma vez que do assunto começamos a tratar. Certos estamos de que o seu autor não poderá ser acusado de parcialidade, bem pelo contrário, para mais que o que ele conta do Congresso da Figueira é absolutamente verdadeira, sendo do nosso conhecimento os interessantes episódios que Nobre Martins relata e a que nos não temos referido, para que nos não acusem de sistematicamente atacarmos o Partido Socialista Português e os seus membros mais em evidência:

A atitude de hostilidade entre os "puritanos", que eram todos os do norte, e os "intervencionistas", que eram a maioria, com exclusão apenas de meio duzia, dos do sul, só teve uma vez revelada na altura em que se discutiu a acção dos deputados socialistas no parlamento. O sr. Manuel José da Silva fez, usando embora das maiores subtilidades, mais burras e mais acedadas exposições-críticas do que ele disse ser a atitude do seu colega Augusto Dias da Silva na câmara dos deputados, não esquecendo nunca de atribuir as suas irreflexões e inexperiencia ao seu feito impulsivo.

Por sua vez, o alvejado, respondendo ao deputado socialista pelo Porto, por bem em relevo que a sua acção no parlamento, por vezes agressiva, era quasi sempre proposital, visto que ele entende que as oposições revolucionárias se devem manifestar sempre o seu revolucionarismo, tanto mais que a hora era má para os espiritos conservadores, mormente para aqueles que, embora integrados nas facções das esquerdas, ainda dentro delas adoptam processos ultramoderados. E, habilitado, aproveitando o ensejo, fez depois a historia, algo comprida, da sua posicão no parlamento, obra como ministro do trabalho, não esquecendo, de quando em quando, em certas passagens do seu discurso, acentuar e talar intencional, e mais intencionalmente dita:

— E, no entanto, eu sou um analfabeto!

No congresso da Figueira da Foz, pelo que eu vi, embora a descorrezia, de começo não empanasse a fluencia da palavra dos dois entrevistados do "Seculo", a cordialidade entre ambos não foi se não uma figura de retorica. No fim, ou quasi no fim, só um cego não veria a distancia, que, no capitulo opinico, separam os dois velhos combatentes das reivindicações operárias.

O sr. Manuel José da Silva historiava um facto ocorrido no parlamento e atribuia certas palavras ao sr. Ladislau Batalha. Este, irado, deixando transparecer um certo azedume, interrompeu dizendo:

— Não é verdade! Já disse!

O sr. Manuel José da Silva, para por um remate do dialogo, fumeante, frio, a calva mais lúida do que habitualmente, não já antigo. E sempre assim o que quando diz sim, quer dizer que não, ou vice-versa.

## AVENDA:

### NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

## Vida cara e difícil

Mais bacalhau pôdre e arroz avariado

Pelo ex-ferroviário Tomás Domingos de Oliveira foi descoberta mais uma remessa de bacalhau pôdre. E' a número 17462 expedida de Figueira da Foz á consignação de Martins & Vieira. Parece que esta remessa já estava despachada, antes de começar a greve.

Aquêle camarada pede a todos os ferroviários que vigiem o vagão J. 89 do Minho e Douro que ontem seguiu com destino desconhecido que não houve meio de averiguar por ser domingo. Há todas as probabilidades de que o arroz transportado nesse vagão se encontre impróprio para consumo e supõe-se que um agente da autoridade, que perto estava, na occasião do carregamento, foi gratificado para não se opôr ao seu seguimento.

Previne também as autoridades sanitárias de Coruche de que no apeadeiro de Quinta Grande está depositada grande quantidade de arroz avariadissimo.

## Uma declaração

Tomás Domingos de Oliveira pede-nos a publicação da seguinte declaração:

Voltando a propalar-se, com intenções insidiosas, que sou fiscal das subsistências, mais uma vez declaro perentoriamente que não pertencio a essa corporação e que não pretendo nem nunca pretendi esse lugar.

Sou simplesmente um operário, inteiramente independente de qualquer ligacão com politicos, e assim desejo viver.

Devido a um malentendido do Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes encontro-me actualmente sem trabalho, aguardando que os srs. Machado Santos e Sá Cardoso cumpram a sua palavra de honra.

O consumidor, porém, não tem perdido com o meu desemprego, pois tenho aplicado a minha actividade na pesca de generos deteriorados, em defesa da saúde de todos e como o meio mais pratico para impedir a continuação dos assanbramentos de que essa deterioração é uma resultante.

E assim continuarei até que a minha situação seja definitivamente resolvida, para a qual coloco, como de direito. — Tomás Domingos de Oliveira

## UM TRISTE ANIVERSÁRIO

### O mártir de Montjuich

Hoje, que passa mais um aniversário sobre o assassinato de Francisco Ferrer, que todos os trabalhadores saudem a sua :: memória com respeito e saudade ::

Mais um ano é decorrido sobre o barbaço, cruel, e iniquo fustilamento do grande apóstolo do racionalismo que se encontra impotente perante esse crime, perpetrado pela reacção religiosa e pela burguesia, temerosas, talvez, de que o facho prodigioso de intensa luz que brotava desse cerebro de elite, fosse illuminar a caliginosa noite da inconsciência operária, mostrando-lhe a estrada que devia trilhar para a conquista da sua integral emancipação económica e fustilando, assim, a uma o espirito e á outra o corpo das multidões ignaras.

E' esta data de luto. Todavia, não a iremos recordar repisando os consagrações das chaves com que é uso solenizar a recordação inapagável de Francisco Ferrer. Procuraremos sair dessa banalidade, recordando aos trabalhadores que nos não devemos deixar imoveis perante essa funerea recordação, desfolhando inumeras frases feitas sobre a lousa gelida que cobre a sepultura do malogrado apóstolo, frases em que se exalce o seu genio, o seu poder creador, o seu intellecto de escol. Muito pelo contrario, a recordação daquelle lugubre fosso de Montjuich, as suas pedras murmurhas, o crepitar das balas homicidas, o baquear do apóstolo da liberdade e o seu ultimo brado de libertação e revolta, apenas devem ser para nós um incitamento, um estimulo, um reconfortante que nos anime no meio das lutas titanicas que há a travar, illuminemo-nos com o fulgor santo desse quadro singularmente trágico, que traduz para nós revolta e anseio de uma maior liberdade, do que aquella que dizem gosarmos.

Feliz foi, porém, Ferrer, em morrer. Ah! Que se ele estivesse vivo, se o seu cerebro não estivesse já imobilizado, quanto intenso não seria o seu sofrimento, quanto enorme não seria a sua dor, perante o desabar das suas aspirações de paz e amor, perante o despenhar do grande edificio erguido, perante o ruir de tanta promessa e a traição de tanta doutrina, e decerto que bem mais cruel seria a sua tortura moral de todos os dias, do que a dor que as balas homicidas lhe causaram ao despedaçarem-lhe o corpo.

Os homens, que ele ambicionava estreitar num grande amplexo amoroso, que procurava congregar num comum ideal de justiça e revolta, em vez de voltarem as carabinas contra a Burguezia lhes entregou para se trucidarem, contra ella, empunharam as armas fratricidas, convulsionados por um feticcio senilimento patrio, e durante a guerra ora

Porem, a guerra foi um pesadelo. Fite-mos o horizonte. Na realidade ele está em plena convulsão: A atmosfera parece rasgar as suas entranhas em temerosos trovões, os raios illumina, de momento a momento, com a sua luz azulada e tranquila, o espaço. Mas, talvez dentro em breve, a tormenta aplacará, e, então, os homens, convictos dos erros praticados, retrocederão o caminho andado, filtarão a fome e a miseria das suas familias a contrastar com a opulencia insultante da burguezia orgulhosa, e as suas armas voltar-se-hão, como já fizeram os camaradas da distante Russia, contra esses parasitas, contra esses cancro da sociedade, extirpando-o á força, aniquilando-o, eliminando-o, para que depois a humanidade se possa expandir em toda a sua grandezza, animada pelos sublimes ideais da justiça social guiados por principios de inalteravel equidade.

E então, Ferrer, então, Mestre, a tua obra triunfará, a Escola Racional terá um facto palpatível, o bater das azas dos morgueiros da reacção, intranquilizados, perder-se-hão no espaço. E essa luz que tu espalhavas, que continuava a germinar em todas as consciencias, irromperá, por essa diacre madrugada de regeneração social, num jacto triunfal!

## A MISÉRIA DOS SENHORIOS

A propósito do muito que temos dito sobre a desgraçada situação dos senhorios, recebemos a seguinte carta de José Benedit:

— Com grande mágoa e enorme surpresa minha e pela *Batalha* de ontem, domingo, vim a saber as condições precárias em que se encontram os pobres senhorios e os senhores pobres de Lisboa onde o aluguer das casas, verdadeiramente, é um ovo por um real, o aumento que, justifica, sobremaneira, o aumento que eis pretendem fazer no aluguer das suas propriedades.

Com esse fundamento entendo que o povo de Lisboa, sem perda de tempo, deve reunir-se em comício para se occupar da situação desesperada da classe dos proprietários urbanos da mesma cidade.

Esse comício, porém, deve ser da iniciativa da C. O. T. que, sem dúvida, não deixará de se manifestar a favor dos senhorios, no que, com toda a certeza, será coadjuvada pelas classes da industria da construcção civil, classes que devem a existência aos proprietários urbanos que lhes proporcionam o trabalho e, com elle, a felicidade e a abundância que disfrutam.

Para adiantar serviço, vai aqui o projecto da moção que deve ser approvada em discussão e por unanimidade, no sobredito comício:

«A Confederação Geral do Trabalho e especialmente as classes da industria de construcção civil e bem assim o povo de Lisboa, reunindo-se em comício para apreciar a desgraçada situação em que se encontram os proprietários urbanos da mesma cidade, resolvem:

1.º Que se dispense aos ditos proprietários e á respectiva Associação de Classe todo o auxilio moral e material de que necessitem para que as suas justissimas reclamações se tornem effectivas com a maior brevidade possível, affirmando-se assim a solidariedade incondicional do povo de Lisboa e das classes salariadas para com os referidos proprietários;

2.º Que, sem demora e com a devida autorisação das autoridades competentes, se realice em Lisboa um bando precatório para obter donativos para os senhorios lisboenses;

3.º Que todos os inquilinos, sobretudo os salarizados, operários ou não, e funcionários publicos concorram todas as semanas com a importância dum dia de salario ou de ordenado, a favor dos senhorios de ambos os sexos;

4.º Tornar extensivo á provincia este movimento de solidariedade, de forma que o inquilinato do país e, sobretudo, os salarizados, não deixem perecer á mingua de recursos os pobres senhorios coitadinhos.»

## Á memória de Ferrer

Uma sessão no Centro Socialista

Em homenagem ao grande vulto libertário vítima do clericalismo, do militarismo e do capitalismo e de todas as manifestações de reacção da sociedade burguesa que foi Francisco Ferrer y Guardia, realiza-se hoje no Centro Socialista, na rua do Bemfornoso, 150,1.º, ás 21 horas, uma sessão solene a propósito do 10.º anniversário do seu barbaço fustilamento.

Todos os avançados e livres-pensadores são convidados a assistir.

Trabalhadores lede e propagai

o BATALHA

## VOZ DA RÚSSIA

### Um apêlo do Conselho Central dos Sindicatos russos

dirigido aos trabalhadores da França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos

Camaradas, irmãos!

Há cerca de dois anos que o proletariado russo, sustentado pela massa dos soldados e dos aldeões, rompeu de todos os modos com o *trust* financeiro que, em linguagem diplomática os financeiros internacionais, chamam *Entente*. Perante o mundo inteiro, o proletariado russo declarou que não participaria mais na Liga das Nações, que não representa senão uma sociedade por acções para a exploração das pequenas e fracas nações; que abandonava a guerra fratricida que inundava de sangue os campos e as cabanas, e enchia de ouro os castelos e palácios.

Desde que o povo russo tentou quebrar as cadeias que o Tsar russo e a Bólsa internacional tinham imposto as massas populares, encontraram logo nos vossos países burgueses o inimigo mais desapiadado.

Com recio das formidáveis forças sociais da Revolução russa, os Aliados desenvolveram a sua actividade contra-revolucionária imediatamente depois que rebentou a revolução de Fevereiro.

E' sabido que o general Korniloff gozava junto das missões e embaixadas aliadas duma simpatia muito especial. Depois da revolução de Outubro, este amor pelos generais contra-revolucionários transformou-se numa inclinação apaixonada pela monarquia russa e os Cem-Negros.

Korniloff, Kaledine, Krasnov, Benikine e Koltchak tornaram-se os heróis favoritos da vossa burguezia e dos vossos governos. Depois da revolução de Outubro, não tem havido na Rússia um movimento contra-revolucionário em que os representantes dos vossos governos não tenham tomado uma parte activa. Mas a revolução russa lutou com successo contra a contra-revolução interior e contra os estrangeiros protectores da contra-revolução.

Com coragem e perseverança, o proletariado russo resistiu aos assaltos dos bandidos corrompidos pelo ouro dos aliados. Os vossos governos então empreenderam uma outra tentativa. Decidiram enviar tropas para a Rússia, e intermeterem-se nos nossos negócios interiores e restabelecer de novo a ordem antiga. Neste momento foi a Alemanha vencida pelos Aliados. O espirito de presa longo tempo retido irrompeu finalmente. Os «cavaleiros do direito e da justiça» mostraram-se na arena internacional como bandidos que querem manter sempre os povos na escravidão.

Caiu a máscara que occultava a cara repugnante destes cavaleiros. Os mais cegos entre vós converter-se-hão agora com que impudência foram enganados pelos seus governos, e com elles esses socialistas e chefes de sindicatos que vos asseguravam que esta guerra era dirigida contra a barbarie e pelo restabelecimento do direito e da justiça.

Com um cinismo e uma brutalidade inaudita, a vossa Liga das Nações lança-se contra os povos e contra os países. O mundo inteiro tornou-se um objecto de comércio e troca, e no meio desta orgia de avarice, cupidez e paixões baixas, ressoa a multidão contra o proletariado russo:

«Crucificai-o, crucificai-o!»

«E com um medo louco das revoluções sociais que por toda a parte surgiam, a *Entente* decidiu esmagar a Rússia dos Soviéticos. São os vossos governos que estão por detrás dos nacionalistas e reacçãoarios polacos, e que impellem o povo polaco a acções militares contra a Rússia. Foram os vossos diplomatas que lançaram os reacçãoarios romenos que regam com o sangue dos operários e dos camponeses cada bocanço de terra russa ou romena que podem tomar. Foram os vossos governos que organizaram as guardas brancas da Estónia, Livónia, Lituânia e Letónia pa-

ra as lançarem depois contra os operários e camponeses russos.

Paris fixa a politica da burguezia filandesa, que primeiro se deixou levar pelo imperialismo alemão e agora pelo imperialismo da «Entente». Foram os vossos governos que cingicamente occuparam Arkangel. Paris abençoou Koltchak, Denikine e outros generais tsaristas porque elles regam com o sangue quente dos proletários russos os campos e as planícies da Rússia.

A Liga das Nações criada pelos vossos governos escolheu bem, como seu digno membro o carrasco Koltchak. Foram os vossos dirigentes que, depois de perderem as esperanças em Koltchak, que ofereceram os seus capitais e as suas simpatias ao novo pretendente ao trono, Denikine e, finalmente, foram elles, «os cavaleiros do direito e da justiça», como a vossa imprensa amarelada e corrompida lhes chama, que foram os autores espirituais de todas as conspirações, de officiais e de guardas brancas, que se tem produzido na Rússia. Faltando o tsarismo, elles tomam lugar, tornado vago, de gendarme internacional e de estranguladores da liberdade.

Vede-o pois, Paris tornou-se agora o centro da reacção mundial, esse mesmo Paris cujas ruas, outrora, foram inundadas com o sangue dos proletários.

Durante a guerra e durante a revolução todos os velhos feticchos tem desaparecido. «Os cavaleiros do direito e da justiça» tornaram-se a nossos olhos os heróis de Versailles, os dignos sucessores dos horóis que, sob a direcção de Thiers, em 1871, mandaram fustilar nas ruas de Paris mais de 30.000 homens, mulheres e crianças.

Camaradas, irmãos!

Nós, os representantes do proletariado do sindicato da Rússia, nós nos vos dirigimos para que nos ajudeis. Os sindicatos russos tem lutado sempre na primeira fila, e tem sentido amargamente os golpes que os vossos governos e a criminosa Liga das Nações tem dirigido contra a Rússia dos Soviéticos.

«Suportareis, vós, operários da Inglaterra, França, Itália e Estados Unidos, que a revolução social russa seja extinta com o nosso sangue? Os bandidos internacionais poderão conti nuar a enviar ainda por muito tempo os seus exércitos reacçãoarios, abafando assim em germen a revolução proletária?»

Grandes tem sido os sofrimentos e duras as provas do proletariado russo. A fome aperta-nos. Os mercenários da vossa burguezia formaram um circulo estreito em volta de nós; as garras da contra-revolução internacional apertam-nos a garganta, mas a fé sagrada, a crença na verdade da causa proletária aumenta a nossa coragem e a nossa en ergia.

Nós sabemos que a revolução social já há muito passou as fronteiras da Rússia e que o seu fantasma terrível atravessa o mundo inteiro. Estamos collocados nos primeiros postos da frente mundial social e a nossa esperança dirige-se para vós. Creemos em vós, porque a nossa confiança em vós, porque sabemos que os vossos corações proletários batem por nós.

Pois, camaradas, em auxilio do proletariado russo e da Rússia dos Soviéticos!

Abaixo os bandidos imperialistas! A' lanterna os intervencionistas! Viva a revolução proletária mundial!

Viva a República Internacional dos Soviéticos!

Moscú, 9 de Julho de 1919.

O Conselho Central dos sindicatos russos: M. Tomski, J. Latsky, N. Glebov, A. Losovsky, V. Schmidt, F. Osol, S. Rudstak.

## FERRER

### Uma data sangrenta

Faz dez annos que a Espanha, a velha Espanha fanática, a Espanha de Maura e de Afonso XIII, mandou fustilar um nobre coração, que a mesma Espanha devia ter orgulho em possuir, se o fanatismo religioso não tivesse obsecado a parte reacçãoaria da nação.

Trágica data esta! Faz dez annos, que Maura, o primeiro ministro de Afonso XIII, ordenou que o corpo de Ferrer, o apóstolo devotado da Escola Moderna e do ideal anarquista, caise por terra varado pelas balas assassinas dos inconsistentes defensores do trono e do altar.

Que lágrimas derramam e que dores sentiram milhares de espiritos libertos ao terem conhecimento desse monstruoso crime, que só a Hespanha reacçãoaria poderia cometer.

Apesar de decorrido tanto tempo, tenho gravada na memoria a enormidade desse grande delicto! Que odio, que rancor eu sinto, como eu desprezo essa cãfila de bandidos, que só vivendo da mentira, não hesitaram em mandar assassinar com requintes de cobardia aquele que, amando a sciencia redentora, sacrificou a saúde e a fortuna, para dar ás crianças uma educação pura e sã que a sociedade burguesa criminosamente lhes tem negado.

Pensaram os reacçãoarios, talvez, que, matando Ferrer, a sua obra desapareceria, que a marcha sempre progressiva para o ideal não proseguiria? Como se enganaram!

## No oriente europeu

Os alemães marcham sobre Riga

LONDRES, 11. — O Times recebeu um telegrama de Helsingfors, dizendo que os alemães marcham sobre Riga. — H.



# Sindicalização obrigatória

Uma resposta do sr. João Camoesas

**«Nós convergimos na aspiração duma democracia organizada, divergindo, apenas, nos métodos a usar para o seu consequimento»**

Chego ao termo deste meu trabalho de defesa. Não o devo encerrar, porém, sem pôr em evidência certas características da atitude de espírito dos meus contraditores. Tanto o sr. M. J. de Sousa como a redacção de *A Batalha* coincidem numa grande desconfiança acerca da sinceridade do meu projecto.

Uma espécie de pecado original o tara e me inferioriza a mim, segundo esse critério. Trata-se da minha categoria de político. Duma maneira clara o diz a redacção quando afirma que a primeira impressão, que lhe deixou o meu projecto, foi a de que o animavam «intuítos discretos». E mais o acentua ao acrescentar que no próprio caso dele ser um trabalho sincero, «sendo obra dum democrata, há de forçosamente ressentir-se dos princípios políticos que animam o seu autor» — o que realmente sucede — e bastaria a singela verificação para explicar a repulsa que tal projecto encontra da parte da organização sindicalista. Bastas passagens dos artigos do sr. M. J. de Sousa, claramente manifestam também este critério, chegando até este sr. a julgar-me um tam completo exemplar de manha e de artificialismo que «os Waldes Rousseau ficam marcando à minha «esquerda». Estamos em presença dum preconceito autêntico que, embora derivado das ideias fundamentais do sindicalismo, possui uma acção espiritual obliterante e chegando a produzir atitudes contraditórias, não já com essas mesmas ideias, mas ainda com a própria lógica, a mesma realidade. Assim se explica que a obrigatoriedade de sindicalização seja condenada, como inimiga da liberdade, pelos mesmos que a tentam praticar e na realidade a ensinam já.

Desta maneira se entende que o sr. M. J. de Sousa para me combater tivesse de utilizar fantasmas absurdos, como supor-me o designio de conservar o desemprego e admitir a ausência de vitalidade comum, por não haver talheres em quantidade bastante à assistência de todos no *banquete da vida*. Deste modo se compreende que entre as doutrinas da redacção e do sr. M. J. de Sousa e os factos relacionados pela própria *Batalha*, como a conquista dos sindicatos de construção civil de Guimarães e o cooperativismo na organização dos arsenais, exista uma flagrante e absoluta contradição! Só isto explica enfim que o meu passado, onde aliás se reconhecem «afirmações de rasgado liberalismo», seja sem valor algum por causa da minha situação partidária!

Este preconceito, cuja acção determinou os flagrantes flogismos que acabo de focar, corresponde a uma fase já morta da tática sindicalista. Hoje admite-se que, mesmo fora da acção política, o sindicalismo pode e deve, pela pressão, obter imediatas conquistas, cuja influência sobre o aumento da capacidade económica e social dos proletários, faça a prévia adaptação das consciências, absolutamente indispensável ao êxito da implantação da nova era, em cuja elaboração colaboramos. Por isso o programa aprovado pela C. G. T. francesa em Novembro do ano findo, contém reivindicações que não afectam os fundamentos do regime vigente e foi entregue ao próprio Clemenceau. Por isso o mesmo Jouveaux disse no seu gabinete em fins do último Agosto a F. de Los Rios Urruti, segundo este conta num interessante estudo publicado por *El Sol*, em relação ao sindicalismo anteriormente a 1914, à moda de Lagardelle: «Evidentemente, o sindicalismo de agora é e há de ser diferente; aquilo — referia-se à época que precedeu a guerra — morreu». E tinha de ser assim, porque a estreiteza de formalismos, por mais alta que seja a sua doutrina informadora, inutilizando as aplicações imediatas, anula a formação, que não pode ser espontânea, dos valores novos, das novas atitudes que há de ser o principal suporte da nova ordem social e cuja ausência tem frustado todas as revoluções até aos nossos dias.

De maneira que a origem dum trabalho da natureza do meu projecto não pode, nem deve ser motivo bastante para a sua condenação, porque as conquistas a obter terão de ser arrancadas no mesmo campo. De resto a própria definição U. O. N., quando apresentou o seu caderno de reivindicações a Sidónio Pais, seguidamente ao movimento de dezembro, estava nesta doutrina, embora seguindo o pior caminho, visto pretender que uma tirania nascente sancionasse e consolidasse um largo escorço emancipador!

Não, o meu trabalho não pode ser condenado só por resultar da meditação e do estudo dum homem de partido e, por consequência, este como os outros argumentos ficam reduzidos à vã poeira que nem memória da sua passagem deixa! Varra-se esse preconceito individual. Finalmente, as colónias prisionais, não caracterizam o projecto, podendo desaparecer sem comprometimento da sua economia. E ainda sobre estas e dentro dos princípios já expostos a propósito do desemprego, direi que a grande, a revoltante violência, equivalente ao assassinato, consiste em constrengar a não trabalhar!

pois, sendo minhas, apenas, a descoberta das regras fisiológicas, gerais e a tentativa de sua integral aplicação. E, exactamente, porque tem raízes profundas na realidade que os seus atacantes, tendo sido forçados a utilizar o absurdo, o paradoxo e a fantasia, só conseguiram destacar a sua excelência, pôr em relevo a sinceridade que o inspirou. Quasi no fim deste trabalho, como na hora em que, como termo de demoras louçabrões, o projecto me safu, pode dizer-se dum facto, eu sinto a alegria dominadora, o entusiasmo transbordador do homem que conseguiu realizar alguma coisa útil ao seu semelhante, capaz de assegurar, quasi tranquilamente, o advento duma era de autêntica justiça.

Era de autêntica justiça, repito, para acentuar que esta aspiração em que convirjo convosco, não é contraditória com a minha atitude política. Estamos no limiar dum mundo novo. E assim como Jouveaux proclama ao Mundo a morte da tática sindicalista anterior à guerra, por minha parte, conhecedor da agonia da velha tática política, val em mais de seis anos que proclamo a sua falência e trabalho sem descanso por substituí-la, que é ainda, como sempre, a única forma eficaz de destruição. Daí o eu ter estado mais de uma vez em conflito com o meu partido, mais precisamente com os actos dirigidos do meu partido e não ser contraditória a minha conservação nele, porque na sua grande massa popular reconheço virtudes, qualidades e aspirações que, tendo começado por engrandecer-me na possibilidade da transformação, acabaram por me emprestar elementos para uma próxima realização.

E um grande e aperfeiçoado organismo político, a cuja organização presida o conhecimento científico, não é demais, nem prejudicial numa terra atrasada como a nossa, porque será o instrumento realizador da propensa transformação social do nosso aceno.

Da profunda transformação social do nosso anseio, repito também, para acentuar que ainda aqui as nossas aspirações coincidem. De facto uma intensa clarificação de ideias, se tem produzido, a ponto de se poder afirmar que não há antagonismo entre o meu conceito de democracia e a vossa visão da sociedade futura. Na verdade a democracia não tem já hoje, como no tempo de Proudhon, um significado meramente político, porque assenta num critério autenticamente económico. Não há democracia sem cidadãos e não pode haver cidadãos sem um mínimo, pelo menos, de independência económica. Por outro lado essa independência económica não é possível sem uma organização coordenadora das actividades. Por isso hoje, quando falamos de democracia, temos de acrescentar-lhe a palavra organizada. Neste critério, tanto eu, como vós, somos democratas. O sindicalismo tem de resto uma raiz democrática, porque é a maioria quem domina no sindicato e as suas resoluções tem carácter imperativo, como todos os dias as greves patenteiam. Unicamente essa ideia democrática é paralela a uma intensa realização orgânica.

Por isso concluo, logicamente, que nós convergimos na aspiração duma democracia organizada, divergindo, apenas, nos métodos a usar para o seu consequimento. Entendeis vós que o sindicalismo basta. Penso eu que o partido político é indispensável, numa perfeita divisão de trabalho social, embora não exclua o sindicato. E recordo, a título de curiosidade, que nem sempre fui desta opinião, tendo chegado a ela, partindo do polo oposto, pelos ensinamentos da experiência e do estudo. Suponho eu que uma organização, meramente corporativa da sociedade, não exclua esta, e que, por consequência, se uma boa psicologia das classes exige órgãos próprios, os sindicatos, não inferior fisiologia social os exige também e entre esses estarão — os partidos. Dentro deste ponto de vista, os partidos, inteiramente transformados, como o meu está em via de ser, assentando num fundo puramente económico, nem por isso deixarão de cuidar, a cada instante no ideal, *primum moriens* dessa agregação. E eles e só eles impedirão que caiamos numa aplicação do conceito mecanista da sociedade que a realidade se enredaria a face do planeta, varrendo dele a beleza e turvando o olhar verde de Minerva, que o conhecimento teria então, apenas, uma utilidade biológica e a vida o significado inferior e animal dum mero banquete!

Lisboa, Outubro, 919.

João CAMOESAS.

P. S. — Também o meu projecto de colonização agrícola mereceu esmolação. Foi o próprio congresso quem o fulminou. Limito-me a protestar contra o facto de se não se ter visto os trabalhos forçados. Tem lá a colonização pelos próprios sindicatos, por intermédio das respectivas cooperativas, e por intermédio destas, para não afogar o sindicato em preocupações empilhadoras do exercício da sua função de resistência. Contem ainda o princípio da propriedade comum do solo, mesmo para a colonização individual. Finalmente, as colónias prisionais, não caracterizam o projecto, podendo desaparecer sem comprometimento da sua economia. E ainda sobre estas e dentro dos princípios já expostos a propósito do desemprego, direi que a grande, a revoltante violência, equivalente ao assassinato, consiste em constrengar a não trabalhar!

J. C.

## Dr. Hermano Neves

Pelo pessoal de todas as secções do nosso colega *A Vitória*, foi ontem oferecido ao seu director, o dr. Hermano Neves, um almôço de despedida, que teve lugar no Restaurant Club. Assistiram, pela redacção, os srs. Herculano Nunes, Forjaz de Sampaio, dr. Campos Lima, Graça Cruz, Lútero de Moraes, Leão Xavier, Oliveira Santos, Júlio Calisto, Sousa Júnior e Pousão Ramos; por parte da administração, o administrador Alexandre Ceria; pela revisão, Luís Montes, e pelo quadro técnico, o director das oficinas Joaquim Marques Freire e sub-director Sotero Martins da Silva.

Fizeram-se vários brindes, reinando durante todo o almôço, a maior confraternização.

## THEATRO SÃO LUIZ

A popular e divertida revista  
**O PÉ DE MEIA**  
Não gasta dinheiro grosso.  
Para o pé, com alborço.  
Num cordãozinho ao pescoço.  
Ou pendente da cadeia!

## A BATALHA

no Porto

Os operários tecelões de seda declararam a greve parcial pró-aumento de salário — Os industriais iniciam o «lock-out» — A atitude da classe em luta

PORTO, 10. — Em virtude dos géneros essenciais à vida subirem em vez de descerem, e ainda devido à circunstância dos industriais de tecidos de seda terem, nos últimos tempos, tirado lucros fabulosos sobre os seus produtos manufacturados pelos seus operários, os tecelões de seda, que, justificadamente, se julgam no direito de ser melhor remunerados, de molde a levarem uma vida económica mais confortável, resolveram, em 20 de agosto findo, reclamar mais 50 % sobre os seus salários actuais. Em 25 de Agosto, as bases dessa petição justíssima foram entregues aos respectivos industriais; esperando os interessados uma resposta mais ou menos satisfatória.

Após várias demarches e peripécias, os aludidos industriais sempre se dispuseram a dar uma resposta qualquer, oferecendo, nos 50 %, mas 40 %, sob a condição, porém, de voltarem a trabalhar as 10 horas diárias e anulando o regime das oito, posto em vigor desde 2 de maio preterito. Esta espécie de afronta, dirigida em 10 de Setembro, num momento em que já as oito horas estavam prometidas hipocritamente pelo governo e em que as diferentes classes operárias, em face de tal promessa, se agitavam pela sua consecução, não deixou de provocar uma grande indignação entre os operários tecelões de seda, os quais, reunidos em 23 de Setembro, resolveram aceitar as propostas de 40 %, para não serem acolhidos de intransigentes, mas repudiaram energicamente o regime das 10 horas, por incoerente e aviltante. Com o fim sempre em vista de evitar-se um conflito seguido de paralização de trabalho, encetaram-se novas negociações, empreendendo a classe dos tecelões de seda todos os esforços ao seu alcance para ver se conseguia os seus desejos sem um rompimento de hostilidades. Não foi possível; e em 7 do corrente, esgotados todos os recursos e verificada a sempiterna intransigência do nosso industrialismo, deliberou então proclamar a greve parcial, a principiar, ante-ontem, pela fábrica João da Fonseca Carvalho, que aconteceu. Na *Industrial*, os industriais das outras fábricas reuniram para apreciar o estado da questão e se resolver sobre a solidariedade a prestar ao seu colega ameaçado, prevenindo o reflexo repercutido da luta encetada. Assim, após umas ligeiras trocas de impressões, visto que já tudo la combinado de fora, deliberaram os patrões da tecelagem de seda impor as 10 horas, participando, contudo, que concederia a generoso benevolência do mento de 40 %, isto é, que daria, à guisa de benefício, com uma das mãos mais alguns misérrimos cobres, roubando-os logo com a outra.

Caso contrário fechariam... as fábricas, pouco se preocupando com a miséria dos seus escravos. E como o seu pessoal optasse pela última resolução, apesar das valentes fanfarronadas, declarou-se o *lock-out* em todas as fábricas, à excepção da dos srs. Nogueira & Filho.

O industrialismo, querendo justificar o seu procedimento, baseia-se balofamente em que os seus interesses seriam bastante lesados, tendo de lutar com inúmeras dificuldades se fizessem uma tal concessão. Usando a contradição da transformação do regime das oito para as 10 horas, estabeleceriam um equilíbrio, pois o aumento deixaria de ser aumento, para ser uma diminuição de regalias muito sofisticadamente feita. Ora segundo informações dos operários — e isso é que não *prantam* nas colunas da imprensa mercantilista — aqueles cavalheiros, sob o pretexto de aumentos ao seu pessoal, já encareceram os produtos mais de que os 40 % reclamados, motivo porque estão sendo infinitamente lesados nos seus chorudos interesses!... E o prosseguimento da eterna farça!... E ainda há gente que acredita nestas balelas!...

Na mencionada reunião dos industriais, efectuada em 7, pelas 16 horas, o sr. José Nogueira, que no dia 5 deu um jantar aos seus explorados por estes embandeirarem as oficinas em consequência duma feliz operação que a sua companhia sofreu, afirmou que o seu pessoal aceitava as 10 horas — cónscio de que, como recompensa da sua gentileza *patronal*, lhe abdicaria dos seus direitos. Interpretando, todavia, o velho rito: *amigos amigos, negócios à parte*, o tal seu pessoal não foi na fila e abandonou também o trabalho, solidarizando-se com os seus colegas. A classe dos tecelões de seda conserva-se, portanto, em greve até à completa consecução das suas reclamações, sendo nomeadas várias comissões de vigilância.

Na última reunião foi votado um protesto contra a prisão dos jovens sindicalistas.

Os fabricantes de vassouras tem continuado em sessão permanente, devido à reclamação das oito horas e outras regalias. A importante fábrica Ribeiro prometeu auxiliar os seus colegas, sendo esta adesão recebida com entusiasmo. Para se entender com os patrões acerca da circular enviada, foi nomeada uma comissão. — C.

## Os ferroviários ingleses

Uma brilhante prova da solidariedade operária

O *Bonshor*, de 3 de Outubro, diz que os compositores e os redactores do *Daily Sketch*, um diário inglês com alguns milhares de tiragem, declararam opor-se à publicação do jornal se a sua orientação sobre a greve dos ferroviários não fosse modificada. Num outro jornal, os operários intervieram igualmente para reclamar a supressão da publicação dum aviso do governo convidando a população a resistir aos grevistas.

# A BATALHA

UMA FESTA OPERÁRIA

## O 40.º aniversário da «Voz do Operário»

Na sessão solene ontem realizada, falaram vários elementos operários, fazendo-se boa propaganda social-revolucionária

A velha Sociedade *A Voz do Operário*, comemorou ontem o seu 40.º aniversário, com grande brilhantismo e entusiasmo, tendo as classes trabalhadoras ocasião de lhe testemunhar, mais uma vez, a sua simpatia. Pelas 11 horas, os corpos gerentes, acompanhados de numerosos sócios e do Grupo Musical União Chelense, visitaram as associações de classe, cooperativas e sociedades de recreio situadas próximo do sede. Às 13 horas, iniciou-se a sessão solene, que se efectuou no primeiro andar do grande edifício que a Sociedade está construindo. A sala estava ornamentada com muitas bandeiras de vários sindicatos e pavilhões de diversos países, abrandando o acto o grupo musical a que acima fazemos referência e a Academia Musical e Recreativa In-Gravel Almades. Presidiu ao acto Abílio Gameiro, secretário pelos delegados da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, e da Cooperativa *A Persistente*. Depois do presidente ter pronunciado algumas palavras, regosijando-se com a crescente prosperidade da Sociedade *A Voz do Operário*, usou da palavra o dr. Carneiro de Moura, que depois de dirigir as suas saudações à colectividade em festa, referiu-se à Revolução Francesa e às tiranias antigas, dizendo que foram as manobras dos assambramentos que fizeram explodir a grande revolução do século XIX, que teve o defeito de ser mais política que económica.

Referiu-se ainda às revoluções de 1830 e de 1848, também provocadas pela fome e pela miséria.

*A Voz do Operário* representa uma instituição simpática. Reorganizou-se ela própria e organiza as sociedades humanas segundo as ideias modernas, educando os filhos dos operários. Quando o operariado de todo o mundo se compenetrar de que é necessário unir-se, sairá das suas lutas vencedor. O orador foi muito aplaudido, procedendo-se à leitura do expediente, de que constava, saudações dos seguintes organismos:

U. S. O. de Lisboa; Juventude Sindicalista; Lisboa; Cooperativa de Pão a Persistente; Tuna Recreativa Tondense. Manipuladores de Tabaco; Descarregadores de Mar e Terra; Empregados dos Caminhos de Ferro; Associação de Classe dos Moços e Marinha Mercante; Grémio Excursionista Civil do Monte; Associação de Classe dos Trabalhadores do Teatro; Associação de Classe dos Cantores e Polidores de Mármores; C. G. T., Sindicato Ferroviário, e Caixa Económica Operária.

Usou em seguida da palavra, Duarte Salvador, que considera a «Voz do Operário» trombeta grandiosa da defesa do proletariado. Precisamos de nos ajudarmos, de nos unirmos, afirma, porque só assim teremos a emancipação do proletariado. Procede-se à distribuição dos prémios Iglesias, cabendo o 1.º a Alice da Conceição Castro, e o 2.º a Salvador da Cruz, sendo os outros 120 prémios distribuídos pelos alunos de maior aproveitamento.

O presidente da noite aplausa a Alfredo Marques e Cristiano Lima que condenaram os métodos pedagógicos actualmente em vigor nas escolas da F. S. salientando a necessidade de se lhe introduzir a orientação racionalista, de que foi grande propagandista o malogrado Ferrer. Sebastião Baçam, na

## Classes gráficas

Afirm de se tratar de assuntos respeitantes aos melhoramentos a introduzir na sede dos sindicatos gráficos reunem hoje, às 21 horas, as respectivas direcções, esperando-se a comparencia de todos os seus membros.

## Cofre de Resistência dos Caixeiros Portugueses

Sob a presidência do camarada António José da Silva, reuniu ontem, pela primeira vez, a nova direcção desta instituição, estando presentes os camaradas Manuel Pinhão, Armando Pinto Loureiro e Daniel Nêvoas.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos, foi apresentada pelo presidente a moção que segue, a qual obteve aprovação unânime:

«A direcção do Cofre de Resistência dos Caixeiros Portugueses (Zona Sul), nomeada no último congresso de classe, realizado em Santarém, ao iniciar os seus trabalhos, afirma a sua disposição de trabalhar tanto quanto possível para o desenvolvimento desta utilíssima instituição, que tem um papel importante a desempenhar na organização corporativa da nossa classe, e saúde entusiasticamente todos os empregados no comércio do país representados pela Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e na pessoa das suas juntas executivas, (zonas Norte e Sul); o operariado organizado representado pela C. G. T., os jornais da classe *A Luz e Vida*, *A Alvorada*, *O Resurgir*, *O Caixeiro Livre* e *O Caixeiro Moderno*, e bem assim os dois diários defensores dos trabalhadores *A Batalha* e *O Combate*, fazendo os mais ardentes votos pela breve reaparecimento do jornal da classe de Lisboa, *O Caixeiro Português*, noutro que o substitua, ao qual esta direcção prestará todo o auxílio possível, vista a grande necessidade da existência de um jornal na capital país».

Foi exarado na acta um voto pelas melhoras do camarada Faustino da Silva Gonçalves.

No orden do dia tratou de diversos assuntos de carácter administrativo e propagandista, resolvendo reunir ordinariamente as quartas feiras, estudar um novo modelo de cédulas, fazer uma nova inscrição de sócios, depois de recebidas as listas de nomes enviadas pelas associações da região sul e distribuir diversos impressos de propaganda, tendente a chamar todas as classes a auxiliar a instituição.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

sa qualidade de velho elemento da Sociedade *A Voz do Operário*, saúdo-o pelo seu 40.º aniversário.

Manuel Joaquim de Sousa, como representante *da Batalha*, traz as suas francas saudações à *Voz do Operário*, fazendo votos pelas suas prosperidades. Não querendo ofender ou censurar os camaradas que estão à frente da Sociedade, deseja que eles integrassem mais a sua acção nas aspirações e desejos da classe operária. Se a sociedade *A Voz do Operário* não compreende exactamente as objectivas indicadas no seu título é necessário que passe a fazê-lo. Estamos numa época em que desapareceu o espírito de autoridade e prestes se desvanecerem os privilégios e desigualdades sociais. Lamenta que a Sociedade muitas vezes chamasse os governantes e os políticos a virem falar nas suas sessões solenes porque eles não eram, nem de longe, a verdadeira voz do operário. Espera que a Sociedade modifique a sua orientação, actual quanto à instrução que ministra aos filhos dos operários, adoptando as escolas racionalistas. É necessário que os males da *Voz* preparem a mocidade proletária para a transformação social que se avizinha, a fim de se contrariar a acção dos governantes e da burguesia, que torturam o cérebro da criança, habituando-a a vergar-se perante as iniquidades sociais. Termina fazendo votos pela modificação de orientação da *Voz do Operário*, no que respeita à educação, sendo muito aplaudido.

Artur Severo Portela diz estar breve a transformação da sociedade, sendo necessário preparar a criança para receber essa transformação.

Saúdo a Revolução Russa com palavras de entusiasmo, entregando-se à assembleia a uma delirante manifestação de simpatia.

Pela U. S. O., fala Júlio Caixinhas, em termos repassados de revolta, referindo-se às injustiças e desigualdades sociais, fazendo votos para que dentro em breve o povo trabalhador se lance na rua, de armas em punho, a fim de destruir por completo a sociedade burguesa.

Francisco Direitinho em nome do diário operário *Avante!* vem também trazer a sua saudação à *Voz do Operário*, falando na mesma ordem de ideias dos oradores antecedentes.

Saul Pacoldino Fernandes, como fundador da *Voz do Operário*, congratula-se pelo seu 40.º aniversário.

José Augusto Machado, em nome do *Combate*, fala durante largo tempo, enaltecendo a obra da *Voz do Operário*. Fala entusiasticamente sobre a Revolução Social Russa, lamentando que o operariado ocidental não a tivesse seguido fortemente defendendo os revolucionários moscovitas dos ataques dos reaccionários burgueses. É preciso que a classe operária de todo o mundo não consinta nesse esmagamento, que por todas as formas o evite. Tem que se fazer a Revolução, sem se esperar que toda a Humanidade esteja preparada para a receber. No fim do seu discurso, foram erguidas delirantes aclamações à Revolução Russa e à Emancipação dos trabalhadores.

Estando exgotada a lista dos oradores, o camarada presidente encorrou a sessão, debandando a assembleia por entre estrondosas aclamações à Sociedade *A Voz do Operário* e à emancipação dos trabalhadores.

## Desastres na caça

Ontem amanheceu na quinta do sr. Sá Carneiro, em Amarelo, um grupo de caçadores do qual também fazia parte, José da Silva Nunes, residente naquela localidade, pretendendo ali matar alguma caça. O caçador, não foi, porém, apanhado. Uma vez recebido de seu patrão ordem expressa para tal não permitir, na sua propriedade, dirigiu-se aos caçadores, avisando-os de tal proibição. Não foi, porém, atendido. Um coelho, o Nunes meteu a arma à cara e fez um tiro, mas com tanta infelicidade que a carga foi para o lado da cabeça do coelho, e não nas pernas. Conduzido este num automóvel ao hospital de S. José, recolheu, depois de pensado no Banco, a enfermaria n.º 4.

Francisco dos Santos, de 36 anos, serrador, residente na rua da Indústria, J. S. 5.º, foi ontem com sua família e alguns amigos, a caçar. Não foi, porém, apanhado. Uma vez, ali, percorreram umas terras próximas e um deles, de nome Sebastião, ao ver uma peça de caça, fez fogo contra ela. Nesse momento, não foi, porém, apanhado. Um coelho, o Nunes meteu a arma à cara e fez um tiro, mas com tanta infelicidade que a carga foi para o lado da cabeça do coelho, e não nas pernas. Conduzido este num automóvel ao hospital de S. José, recolheu, depois de pensado no Banco, a enfermaria n.º 4.

## Violento choque de eléctricos

No eléctrico 181 que de Algué seguia para Avenida Almirante Reis, seguia como condutor o n.º 1253, José Ferreira do Vale, de 24 anos, residente na rua 1.ª de Dezembro, 43, 4.º, que na rua 24 de Julho, próximo do S. José, ao ligar a corrente ao carro que vinha atrelado, a fim de acender as lâmpadas, foi atingido por um choque eléctrico, com tal violência que o fez cair do carro, ficando muito ferido na cabeça e com a clavícula direita fracturada.

## Morte repentina

Um dos autos da Cruz Vermelha conduziu ontem ao Necrotério, João dos Reis, de 35 anos, residente na rua da Empoimada, 10, 2.º, indústrias de carcos, que, na estação do Rossio, faleceu subitamente.

## A agressão de Rio Frio

Da casa mortuária do hospital foi removido, para Necrotério, a fim de ser autopsiado, Manuel Caetano, residente na travessa de Santa Marinha, na Covilhã, que, como noticiamos, foi, no dia 23 de Setembro último, agredido na herdade de José Maria dos Santos, em Rio Frio, vindo a falecer no dia 6 do corrente na enfermaria 4.

## Tentativa de suicídio

No Banco do hospital de S. José foi pensado, segundo depois para casa, Mateus da Conceição, 18 anos, morador na rua da Indústria, 1.ª, a Ajuda, que ali tentou suicidar-se.

## TEATRO APOLO

Às 21 h 12 horas  
O adeus da LEBRE CORRIDA  
Última semana  
Sexta-feira 17. — Primeira representação da peça de viagens de grande espectáculo de Luís Aquino. Musica de Luz Junior e Luis Quesada.  
20 Milhões  
A mais extraordinária montagem em peças de grande espectáculo.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

**União dos Sindicatos Operários de Lisboa.** — Reuniu esta União e apreciou um ofício da Associação dos Trabalhadores Rurais de Vendas Novas, em que se pede a presença dum delegado deste organismo, à sessão de inauguração da União Local, tendo-se resolvido não enviar delegado, em consequência de não estar isso dentro da esfera desta União, mas sim da C. G. T.

### Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio — Zona Sul

A sua primeira reunião, efectuada no dia 10, foi presidida pelo colega Loureiro, estando presentes os colegas Manuel Maria de Sousa, Henrique dos Santos Leitão, Artur de Sousa Palma, Raúl Dias e Vasco da Silva Luciano.

O presidente, referindo-se ao Congresso corporativo, informou a junta das deliberações nele tomadas e das responsabilidades assumidas pelo ingresso da F. P. E. C. na C. G. T.

Resolvetu-se enviar a todos os sindicatos pedindo o envio imediato dos seus balancetes para o efeito do pagamento da cota federal.

Resolvetu-se também instar com os sindicatos não federados a federarem-se, convocando as suas assembleias gerais para esse fim, e participá-lo a esta junta em ofício assinado pelo secretário da assembleia que houver autorização da filiação.

A presidência informou ainda que, por uma deliberação do Congresso Nacional Operário e por cumprimento do estatuto da C. G. T., todos os federados, para terem direito aos benefícios morais e materiais concedidos pela organização central, terão a pagar mensalmente 2 centavos por cada sindicato, resolvendo-se chamar a atenção dos sindicatos para este assunto, a fim de estudarem a melhor forma de darem cumprimento a essa deliberação, sendo necessário que todos os sindicatos nos enviem uma lista com o nome de todos os seus associados, para a distribuição da caderneta confederal.

Aprecioso também as fases porque tem passado o já célebre decreto das 8 horas, ficando resolvido realizar no próximo dia 15, pelas 21 horas, uma sessão extraordinária, com a comparencia da comissão mixta das associações, a fim de se resolver o caminho a seguir, em face da declarada parcialidade do governo perante a classe paritonal, que tanto apoia o governo quando persegue os proletários.

Esta Federação espera que, atendendo à importância do assunto, nenhum dos seus componentes falte, bem como as camaradas que compõem a comissão mixta.

Foi apreciado vários expedientes, entre eles um ofício da Associação dos Caixeiros Viajantes, em resposta à nossa circular de 18 de Setembro de 1918, sobre a fusão das associações de empregados comerciais, (constituição do Sindicato Unico) lamentando esta junta a decisão das camaradas viajantes e de praça, atribuindo a sua resolução, ao completo desconhecimento da organização.

Na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, reunirá novamente em sessão ordinária, rogando-se a comparencia de todos.

**Condutores de Carroças.** — Na reunião de ontem, e feita a leitura do relatório do delegado ao Congresso de Coimbra, foi resolvido, a requerimento daquele, não submeter ainda à discussão o referido relatório, a fim de que maior número de associados tomem dele conhecimento, por causa de propostas que encerra.

A acta foi exarado um voto de regozijo pelo 40.º aniversário da *Voz do Operário*. A próxima reunião realiza-se no dia 26, às 14 horas.

### CONVOCAÇÕES

**Pintores da Construção Civil.** — Em assembleia magna reúne hoje pelas 21 horas, para apreciar as insinuações que o órgão socialista tem feito ao porta-voz da organização operária. Convidado-se, por este meio, o jornal *O Combate* a nomear um delegado a essa reunião, a fim de justificar as acusações feitas por aquele jornal.

**Sindicato Unico Metalúrgico.** — Realizando-se hoje a reunião da especialidade da classe metalúrgica — Fundidores, Carpinteiros de Moldes, Forjadores, Macheiros e Serventes — pede-se a comparencia dos membros do Conselho Técnico e dos restantes corpos gerentes.

O secretário Geral previne o advogado do Conselho Jurídico que o encontro será no local e hora do costume, a fim de irem a Almada tratar da situação do camarada Peixe.

**Empregados de Livraria.** — Tendo tomado uma nova fase o movimento pró-aumento de salário, encetado pela «Secção» desta classe, são convidados os colegas a comparecer a reunião magna que se realiza amanhã, pelas 21 e meia, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20.

**Torneios em Madeira.** — Reúne hoje, em assembleia geral, pelas 20 horas e meia, para demonstração das vantagens do Sindicato Unico, pelo camarada Alfredo Marques.

**Catrações.** — É convocada extraordinariamente a Assembleia Geral desta colectividade para hoje às 19 horas.

### A procura de um louco

A polícia procura Daniel José da Silva, casado, de S. Martinho do Vale, filho de Manuel José da Silva e de Maria Rosa Ferreira, que fugiu do manicómio Miguel Bombarda, onde estava internado.

### Tentativa de agressão

Queixou-se à polícia Vítor Pereira Ramos, var Barão de Sabrosa, M. L., cave, de que um seu vizinho e um filho desenterraram em sua casa para a agredirem, o que não tiveram a effecto por lhe ter acudido outro vizinho, quando gritou por socorro.

# OS QUE MORRE

## FALECIMENTOS

Faleceram e sepultam-se hoje as seguintes pessoas:  
Eugénio de Almeida de Avila, 45, rua do Conde, 40; Lucas Gomes da Silva, 45, 15, da rua Nova da Piedade, D. Maria da Conceição, 42, da calçada de Santa Anna, 11; José Alves Pinto, 11, do hospital de S. José, e D. Cel. Santos, 45, 11, da rua das Janelas V. de 40.

## OBITUÁRIO

Cadáveres inumados no dia 10 do corrente nos cemitérios do Alto de S. João, e Frazeres e Bomfim:  
Leonardo Lopes, 74 a.; Zeferino do C. 10, 10 m.; Vitoria Maria Mattempo, 3 Celeste Lial, 5